

As previsões das multinacionais

por Reginaldo Heller
do Rio

Uma taxa de inflação de 90%, crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 3,1% e a repetição das mesmas condições do crédito doméstico que prevaleceram ao longo deste ano são algumas das perspectivas para a economia brasileira, em 1982, por parte de empresas multinacionais "representativas de grandes setores da atividade econômica nacional". A pesquisa foi feita pela Câmara de Comércio Americana, através de seu Comitê para Assuntos Econômicos (The Chamber's Economic Affairs Committee), em novembro último, e agora divulgada com exclusividade para os sócios através de sua publicação interna "News Briefs".

Foram ouvidos, ao todo, catorze "seniors" executivos de empresas multinacionais e a pesquisa reflete, aparentemente, um consenso nos meios empresariais, já que, entrevistados por este jornal, outros empresários nacionais e estrangeiros confirmaram quase integralmente as mesmas expectativas. A média das catorze respostas indicou, na pesquisa, um crescimento real do PIB, em 1982, de 3,1%, desdobrado em 5,2% para a agricultura (média de apenas dez respostas); 1,5% para a indústria (também com base em apenas dez respostas); e 3,3% para o setor de serviços.

Ouvido por este jornal, Pedro Leitão da Cunha, do Banco Montréal de Investimento, considerou a projeção feita para a indústria "um pouco pessimista", já que o atual nível de capacidade ociosa na indústria

permite um crescimento maior do setor, embora sem esgotar toda a capacidade instalada ou mesmo atingir os níveis de utilização semelhantes aos registrados ao longo de 1980. "O que, de resto, seria perigoso, na medida em que estimularia as importações", disse Leitão da Cunha. A pesquisa não explica o otimismo dos executivos consultados em relação ao comportamento da agricultura em 1982, apesar de eles reconhecerem algumas dificuldades na próxima safra, especialmente em relação ao café.

A taxa de inflação, medida pelo Índice Geral de Preços da Fundação Getúlio Vargas, deverá situar-se, segundo a média das catorze respostas, em 90%, enquanto a taxa de reajuste salarial, que acompanha o INPC, será no ano de 1982 (dezembro a dezembro) de 83,7%. A desvalorização do cruzeiro e a correção monetária estarão beirando o INPC, em 83,5 e 83,3%, respectivamente. O aumento da produtividade salarial projetado é de 3,9%, enquanto a força de trabalho aumentará, em média, em

cada uma daquelas catorze empresas consultadas, 4,8%; nos doze meses terminados em dezembro de 1981 e apenas 2% em dezembro de 1982.

Em relação à balança comercial, doze respostas afirmaram ser possível obter um superávit da ordem de US\$ 1,4 bilhão, em média, enquanto duas empresas foram mais pessimistas, admitindo, na pesquisa, apenas equilíbrio comercial. Mesmo assim, ninguém está supondo déficits nesta conta do balanço de pagamentos.

Finalmente, as expectativas quanto às disponibilidades de crédito em cruzeiro são variadas, embora com ligeira predominância para uma estabilidade da atual política creditícia. Três respostas admitiram uma política mais folgada, duas, mais apertada e nove respostas admitiram uma disponibilidade semelhante à de 1981.

CONTAS EXTERNAS

Para Leitão da Cunha, a taxa de inflação será um pouco mais baixa, da ordem de 80%. Segundo ele, a reativação econômica deve ser pautada pelos balizamentos impostos pelas contas externas — especialmente a balança comercial. Outro empresário ouvido por este jornal, Marc Gantet, presidente da Companhia Nacional de Cimento Portland, subsidiária do grupo francês Lafarge, é da mesma opinião de Leitão da Cunha.

Ao contrário de 1981, em que o setor cimenteiro terá, segundo suas estimativas, uma queda de produção da ordem de 4%, em 1982 deverá ocorrer uma reativação, embora dificilmente supere os níveis de produção registrados ao final de 1980. Em todos os casos, o nível de emprego deverá crescer muito pouco.

Um pouco mais cético é José de Abreu Amorim, presidente da General Electric do Brasil, que, apesar de acompanhar aquelas mesmas projeções, acha que o governo deve estar atento para evitar desvios maiores, tanto pelo lado de um aperto insustentável quanto de uma reativação exacerbada. Segundo ele, o processo de estabilização ainda será o tom prevalecente no próximo ano.